

Ghanbari-Homayi, S., Hasani, S., Meedy, S., Jafarabadi, M. A. & Mirghafourvand, M. (2019). Nonpharmacological approaches to improve women's childbirth experiences: A systematic review and meta-analysis. *The Journal of Maternal-Fetal & Neonatal Medicine*. Doi: 10.1080/14767058.2019.1608434

Namujju, J., Muhindo, R., Mselle, L. T., Waiswa, T., Nankumbi, J. & Muwanguzi, P. (2018). Childbirth experiences and their derived meaning: a qualitative study among postnatal mothers in Mbale regional referral hospital, Uganda. *Reproductive Health*, 15:183. DOI:10.1186/s12978-018-0628-y

Rangel-Flores, Y. Y. & Martínez-Ledezma, A. G. (2017). Ausencia de percepción de violencia obstétrica en mujeres indígenas del centro norte de México. *Revista Conamed*, 22(4), 166-169.

Reed, R., Sharman, R. & Inglis, C. (2017). *BMC Pregnancy and Childbirth*, 17:21. DOI: 10.1186/s12884-016-1197-0

Rodríguez-Almagro, J., Hernández-Martínez, A., Rodríguez-Almagro, D., Quirós-García, J. M., Martínez-Galiano, J. M. & Gómez-Salgado, J.

(2019). Women's Perceptions of Living a Traumatic Childbirth - Experience and Factors Related to a Birth Experience. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 16, 1654. DOI:10.3390/ijerph16091654

Taheri, M., Takian, A., Taghizadeh, Z., Jafari, N. & Sarafraz, N. (2018). Creating a positive perception of childbirth experience: systematic review and metaanalysis of prenatal and intrapartum interventions. *Reproductive Health*, 15:73, 1-13. DOI: 10.1186/s12978-018-0511-x

World Health Organization (2018). *WHO recommendations: Intrapartum care for a positive childbirth experience*. Geneva: World Health Organization.

Windau-Melmer, Tamara. (2013). *A Guide for Advocating for Respectful Maternity Care*. Washington, DC: Futures Group, Health Policy Project.

Yildiz, P.D.; Ayers, S.; Phillips, L. (2017). The prevalence of posttraumatic stress disorder in pregnancy and after birth: A systematic review and meta-analysis. *Journal of Affective Disorders*, 208, 634-645.

Ser pai: concepções e sentimentos dos homens sobre a paternidade

Being a father: conceptions and feelings of men about fatherhood

Ser padre: concepciones y sentimientos de los hombres sobre la paternidad.

Catarina Sofia da Silva Cortesão¹; Maria Neto da Cruz Leitão² & Cristina Maria Figueira Veríssimo³

RESUMO

A figura do pai autoritário e provedor, deu lugar a um pai mais participante nos cuidados aos filhos e igualmente mais envolvido na gravidez, parto, pós-parto e desenvolvimento da criança. Os serviços de saúde são considerados contextos que podem promover a paternidade cuidadora. Pretendeu-se conhecer as concepções e os sentimentos dos homens sobre paternidade; analisar a importância atribuída pelos homens ao papel do pai, nos serviços de saúde. Trata-se de um estudo qualitativo de tipo interpretativo. Participaram dez homens cujos filhos nasceram nas maternidades de Coimbra. O acesso aos participantes foi feito por conveniência. Os dados foram recolhidos através de entrevistas semiestruturadas de maio a julho de 2019. Dos principais resultados destaca-se que as concepções de paternidade encontradas foram: a continuidade da espécie humana, assumir responsabilidade, cuidar, partilhar tarefas. Os sentimentos referidos pelos homens relacionados com a paternidade foram: alegria/felicidade, satisfação e medo, a importância atribuída ao papel do pai (poder escolher, ser ouvido e participar ativamente). Como conclusões podemos afirmar que as concepções dos homens sobre paternidade incluem, mas ultrapassam o papel de provedor de cuidados, integrando ainda o estar disponível na vida dos/as filhas, acompanhando-os e participando diretamente na sua educação. A paternidade cuidadora foi percebida como uma experiência única, indescritível e emocionante, que reuniu diferentes tipos de sentimentos. Da análise da importância atribuída ao papel do pai, os homens consideraram que nos serviços de saúde ainda existem muitos estereótipos relacionados com questões de género associados ao cuidado da gravidez e das crianças.

Palavras-chave: Concepções, sentimentos, serviços de saúde, paternidade.

ABSTRACT

The figure of the authoritarian and provider father has given way to a father who is more participant in the care of his children and also more involved in pregnancy, childbirth, postpartum and child development. Health services are considered contexts that can promote caring parenthood. It was intended to know the conceptions and feelings of men about fatherhood; to analyze the importance attributed by men to the father's role in health services. This is a qualitative study of an interpretative type. Ten men whose children were born in the maternity wards of Coimbra participated. Access to participants was made for convenience. The data were collected through semi-structured interviews from May to July 2019. Of the main results, it is highlighted that the conceptions of paternity found were: the continuity of the human species, assuming responsibility, caring, sharing tasks. The feelings mentioned by men related to fatherhood were: joy/happiness, satisfaction and fear, the importance attributed to the father's role (being able to choose, to be heard and to participate actively). As conclusions we can affirm that the conceptions of men about fatherhood include, but go beyond the role of provider, integrating still being available in the lives of the daughters, accompanying them, and participating directly in their education. Caregiver fatherhood was perceived as a unique, indescribable and exciting experience, which brought together different types of feelings. From the analysis of the importance attributed to the father role, men considered that in health services there are still many stereotypes related to gender issues associated with the care of pregnancy and children.

Keywords: Conceptions, feelings, health services, paternity.

RESUMEN

La figura del padre autoritario y proveedor ha dado paso a un padre que participa más en el cuidado de sus hijos y que también está más involucrado en el embarazo, el parto, el posparto y el desarrollo infantil. Los servicios de salud se consideran contextos que pueden promover la paternidad solidaria. Se pretendía conocer las concepciones y sentimientos de los hombres sobre la paternidad; analizar la importancia atribuida por los hombres al papel del padre en los servicios de salud. Este es un estudio cualitativo de tipo interpretativo. Participa-

¹ Enfermeira Especialista em Saúde Materna e Obstétrica. Centro Hospitalar e Universitário de Coimbra. Assistente Convivida. Escola Superior de Enfermagem de Coimbra.

² Professora Coordenadora. Escola Superior de Enfermagem de Coimbra. Investigadora principal na UICISAE.

³ Professora Adjunta. Escola Superior de Enfermagem de Coimbra. Investigadora na UICISAE.

ron diez hombres cuyos hijos nacieron en las salas de maternidad de Coimbra. El acceso a los participantes se hizo por conveniencia. Los datos se recopilaron a través de entrevistas semiestructuradas de mayo a julio de 2019. De los principales resultados, se destaca que las concepciones de paternidad encontradas fueron: la continuidad de la especie humana, asumir responsabilidades, cuidar y compartir tareas. Los sentimientos mencionados por los hombres relacionados con la paternidad fueron: alegría / felicidad, satisfacción y miedo, la importancia atribuida al papel del padre (poder elegir, ser escuchado y participar activamente). Como conclusiones podemos afirmar que las concepciones de los hombres sobre la paternidad incluyen, pero van más allá del rol de proveedor, integrando aún estar disponible en la vida de las hijas, acompañándolas y participando directamente en su educación. La paternidad del cuidador se percibió como una experiencia única, indescriptible y emocionante, que reunió diferentes tipos de sentimientos. A partir del análisis de la importancia atribuida al papel del padre, los hombres consideraron que en los servicios de salud todavía hay muchos estereotipos relacionados con los problemas de género asociados con el cuidado del embarazo y los niños.

Palabras clave: Concepciones, sentimientos, servicios de salud, paternidad.

INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas a concepção de paternidade sofreu significativas alterações, passando de uma figura autoritária, responsável apenas pelo sustento económico da casa e família, para uma figura mais presente nos cuidados aos filhos e igualmente mais envolvida durante todo o processo de gravidez, parto, pós-parto e desenvolvimento da criança. Durante a 2ª guerra mundial, com a necessidade de as mulheres ingressarem no mercado de trabalho, no sentido de contribuírem economicamente para a família, os pais passaram a ter um maior envolvimento nas tarefas referentes à casa e aos cuidados dos filhos (Castoldi, Gonçalves & Lopes, 2014). Os enfermeiros especialistas em enfermagem de saúde materna e obstétrica (EESMO) têm como alvo de cuidados a família - de um modo especial o pai. Assim, este estudo pretende contribuir para o desenvolvimento do conhecimento sobre a promoção da paternidade, que sustente (novas) intervenções de enfermagem, bem como, influenciar as políticas de saúde no domínio da saúde reprodutiva, salvaguardando os direitos de todos. No sentido de dar continuidade ao trabalho desenvolvido, tal como recomendado pelas *Orientações estratégicas europeias para o fortalecimento da Enfermagem e Enfermagem de Saúde Materna e Obstétrica em relação às metas de Saúde 2020* (Organização Mundial de Saúde, 2015), procurar-se-á, nesta fase, contribuir para o desenvolvimento de intervenções e eventuais mudanças nos serviços de saúde, de modo a satisfazer as necessidades dos homens para o exercício da paternidade cuidadora e potenciar o seu empoderamento e cidadania em saúde.

De acordo com Ramos e Canavarro (2007), o nascimento de um filho pode vir a constituir uma fonte de satisfação, pela realização pessoal que promove, pelo novo significado que os pais atribuem à vida e pela aproximação que pode proporcionar entre o ca-

sal e a família alargada. Ao mesmo tempo, pode potenciar sentimentos de ansiedade devido à necessidade de reorganização individual, conjugal, familiar e profissional e às exigências de prestação contínua de cuidados que o bebé necessita. A experiência de ser pai pode desencadear no homem diferentes tipos de sentimentos, podendo ir da felicidade ao descontentamento, da proximidade ao distanciamento. Os pais criam expectativas, como por exemplo, como será a sua relação com o bebé e como poderá desenvolver o seu papel de pai. Enquanto alguns não se imaginam a desempenhar tal papel, outros planeiam a educação e o envolvimento com a criança, pensando em como aconselhar e orientar para que o filho consiga obter o que ele não teve oportunidade (Cúnico & Arpini, 2013; Petito, Cândido, Ribeiro, & Petito, 2015). Quanto maior for o envolvimento paterno na gravidez maiores poderão ser os benefícios em termos de saúde tanto para os homens, como para as mulheres e crianças. O apoio psicológico e emocional prestado pelo pai à mulher durante a gravidez pode reduzir a dor, o pânico e a exaustão durante o parto. O envolvimento do homem desde o início da gestação é crucial para a preparação do exercício da paternidade bem como para o desenvolvimento saudável da relação conjugal (World Health Organization, 2007). Assim, definimos para este estudo os seguintes objetivos: conhecer as concepções e sentimentos dos homens sobre paternidade; analisar a importância atribuída pelos homens ao papel do pai nos serviços de saúde.

METODOLOGIA

Estudo qualitativo de tipo interpretativo, onde participaram dez homens/pais cujos filhos nasceram nas maternidades de Coimbra, há mais de 6 meses e menos de 1 ano. O acesso aos participantes foi feito por conveniência. Os dados foram recolhidos através de uma entrevista semiestructurada entre maio a julho de 2019. Foram salvaguardados os princípios éticos e deontológicos, os participantes assinaram o consentimento informado. O estudo teve parecer favorável da Comissão de Ética da UICISA: E. Depois de efetuada a transcrição naturalista foi realizada análise de conteúdo temática, segundo Minayo, Deslandes e Gomes (2009).

RESULTADOS

Segundo os participantes neste estudo, a paternidade tem vindo a evoluir ao longo das últimas décadas. Partiu-se do papel do pai como provedor e responsável pelas necessidades financeiras da família para um pai envolvido que partilha as tarefas de cuidar do filho. Disso são exemplo as afirmações que



Figura 1 – Representação esquemática da área temática Paternidade

passamos a referir: “...o papel do pai antigamente era sustentar economicamente a família, enquanto o cuidar dos filhos ficava mais sob a responsabilidade da mãe [...] eu quero ser pai que acompanha todos os momentos da vida dos meus filhos, eu quero ser um pai presente a tempo inteiro para os meus filhos” (Carlos, 35 anos, 2º filho/a). Por outro lado, também foi salientado que na atualidade, o pai se envolve mais na vida dos/as filhos/as, protegendo-os/as e disponibilizando-se para os apoiar no que eles/elas necessitarem. “... agora os pais são mais envolvidos na relação com os filhos. Os pais agora protegem muito mais os filhos. [...]. Eu quero que o meu filho sinta que o pai está sempre lá, para ele, em qualquer situação...” (David, 35 anos, 1º filho). Estes resultados convergem com o referido por Silva, Lamy, Rocha, e Rodrigues (2012), quando refere que a paternidade não é somente uma construção sociocultural, é também um processo que envolve todo o historial de vida do homem, incluindo as experiências pessoais, a sua condição psicológica, os antecedentes relacionais com

o seu pai e a sua mãe, bem como enquanto filho. A construção histórica da paternidade revela que com a evolução da humanidade também tem evoluído a relação do homem com os seus/suas filhos/as. Assim, diante este panorama atual da paternidade cuidadora, importa conhecer a perceção dos pais contemporâneos acerca da evolução da paternidade nas últimas décadas.

Na área temática *paternidade* foram identificadas três categorias: concepções, sentimentos e importância atribuída pelos homens ao seu papel de pai (figura 1).

No sentido de conhecer as concepções sobre a paternidade, os participantes foram questionados: “Para si, o que significa ser pai?” Da análise das suas respostas emergiram quatro sub-categorias: a continuidade da espécie humana, assumir a responsabilidade, cuidar e partilhar tarefas. Em algumas sub-categorias foram ainda identificados alguns indicadores (figura 2).

Da análise dos dados pode verificar-se que

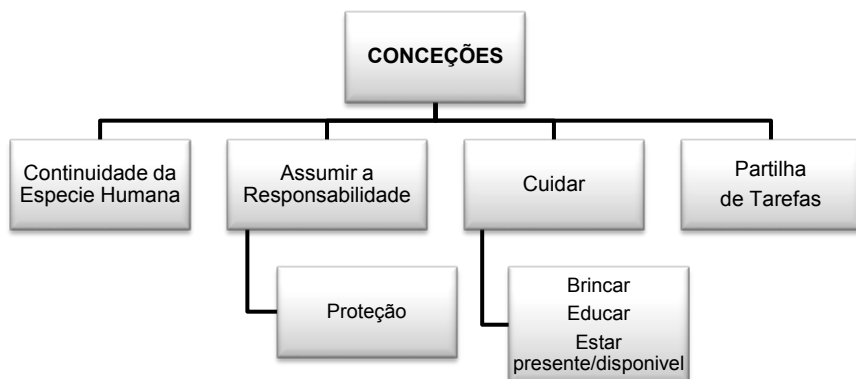


Figura 2 – Representação esquemática da categoria Conceções

para alguns dos participantes a paternidade permite a continuidade da espécie: *“É dar continuidade da nossa espécie, da nossa descendência...”* (Ivo, 42 anos, 2º filho/a). Este resultado converge com o referido por Castoldi et al. (2014) que afirmam tornar-se pai envolve uma complexa reflexão consciente e inconsciente das heranças recebidas dos próprios pais. Também de acordo com Sousa (2010) a procriação traduz-se num mandamento natural para a continuidade da espécie humana e assim, corresponde ao desejo natural do homem, ou seja, garantir a sua hereditariedade. Desta forma, a confirmação da gravidez pode permitir a concretização de um sonho de procriação que envolve uma grande satisfação emocional. Ramos e Canavarro (2007) afirmam que o nascimento de um/uma filho/a pode vir a constituir uma fonte de satisfação pela realização pessoal que promove, pelo novo significado que os pais atribuem à vida e pela aproximação que pode proporcionar entre o casal e a família alargada. Os pais de um modo geral afirmaram que ser pai, na sua concepção, passa por assumir a responsabilidade da parentalidade, no sentido da proteção do filho. *“[...] uma questão de responsabilidade porque passamos a ter alguém que depende de nós e do nosso cuidado.”* (Edgar, 41 anos, 1º filho/a); *“... é ser capaz de proteger...”* (Bernardo, 34 anos, 1º filho/a); *“É um amadurecer, é crescer na vida e ser responsável por um novo ser.”* (Carlos, 35 anos, 2º filho/a). Estes resultados parecem convergir com o referido por Pereira e Alarcão (2010) que referem que a capacidade de exercer a função parental, de ter a competência de ser um pai suficientemente bom para o filho, compreende experiências psicológicas e sociais, que se iniciam na gravidez e prosseguem durante os primeiros meses de vida da criança, preparando os homens para as exigências e desafios que se colocam nas diferentes fases de crescimento e desenvolvimento da criança. Guilherme e David, salientam respetivamente que ser pai *“... é uma grande responsabilidade...”* (Guilherme, 28 anos, 2º filho), *“... é proteger...”* (David, 35 anos, 1º filho). Pelo referido pelos participantes sobre o assumir de responsabilidades associada à paternidade, salienta-se o referido por Balancho (2012) sobre cuidados paternos em que afirma que existem três tipos de presença dos pais na vida dos filhos: a interação/envolvimento, a acessibilidade e a responsabilidade equivalente à tomada de decisões. Segundo esta autora é o pai que sabe o que é melhor e necessário para o bem-estar do/a filho/a e desse modo pratica atividades que envolvem esses cuidados. De acordo com Martins (2009) e Ribeiro, Gomes, Silva, Cardoso, Silva e Strefling (2015), depois do bebé nascer, o pai e a mãe percecionam as dificuldades trazidas pelas responsabilidades de ter um/a filho/a. De acordo com os par-

ticipantes no estudo, cuidar é satisfazer as necessidades físicas e emocionais do/a recém-nascido/a, nomeadamente a alimentação, a higiene, o adormecer, brincar, dar colo, amar, procurar cuidados de saúde, levar ao infante, ajudar nos trabalhos escolares. Disto são exemplo as citações que passamos a apresentar: *“... é amar, é cuidar, é tudo isso [...] cuidar é estar lá sempre, é dar colo, mudar a fralda, dar banho, adormecer, ajudar a amamentar, a dar a sopa, brincar...”* (David, 35 anos, 1º filho/a); *“... cuidar é fazer tudo o que ele precisa, [...] desde o banho, as consultas, o vestir, o biberão, tudo mesmo [...] é fazer todos os cuidados que ele precisa ...* (Edgar, 41 anos, 1º filho/a). Estes resultados são corroborados por estudos realizados por outros autores (Martins, 2009; Ribeiro et al., 2015), ao confirmarem que depois do/a filho/a nascer, o pai e a mãe percecionam todas as necessidades fisiológicas da criança e que estas necessitam de um conjunto de cuidados, como abrigo, proteção, nutrição e socialização. A participação do pai é fundamental, nos primeiros dias em casa após o nascimento do bebé, nomeadamente para os cuidados com o coto umbilical, o banho, a troca de fraldas, a alimentação/amamentação. Tendencialmente, o pai contemporâneo procura desenvolver uma relação baseada no desejo de realizar trocas afetivas com os seus/suas filhos/as, juntamente com o que a sociedade lhe exige (Beltrame & Bottoli, 2010), compartilhando com a mãe, a função de cuidar das crianças atendendo tanto às necessidades físicas como emocionais. Contudo, o relatório sobre *“A situação da paternidade no mundo, 2019”* conclui que numa escala global, proporções significativas de homens e mulheres, concordam que trocar fraldas, dar banhos e alimentar as crianças deve ser responsabilidade da mãe (Promundo, 2019). Os resultados encontrados permitiram-nos ainda constatar que para alguns participantes a paternidade vai além dos cuidados às necessidades físicas e inclui o brincar: *“Cuidar é [...] brincar”* (Guilherme, 28 anos, 2º filho/a); *“[...] é brincar com o meu filho”* (Edgar, 41 anos, 1º filho/a). Neste contexto, salienta-se ainda a educação (como cidadãos), o mimar e o acompanhar, como formas de cuidar: *“Cuidar não é só propriamente vestir, dar banho, comer, mas fazê-los crescer como cidadãos, ajudá-los, educá-los...”* (Ivo, 42 anos, 2º filho/a); *“... ser capaz de educar [...] brincar, [...]”* (Bernardo, 34 anos, 1º filho/a). Estes resultados são convergentes com o referido por Balancho (2012) no que se refere aos tipos de presença dos pais na vida dos/as filhos/as. A interação e envolvimento, que se representa pelo apoderar-se do contacto direto nos cuidados e atenção e, pelo estabelecimento de diálogos que auxiliem na educação dos/as filhos/as. A acessibilidade, caracterizada pela disponibilidade potencial do pai, não ne-

cessariamente através do contacto direto, mas através do estar física e emocionalmente disponível para o/a filho/a. Da análise emergiu ainda um novo indicador referido por vários participantes: estar presente e disponível para os/as filhos/as. Disto é exemplo: *“ser pai hoje é estar presente na vida do meu filho sempre.”* (David, 35 anos, 1º filho/a); *“... é ser um pai presente, que os acompanhe em todos os momentos da vida deles, e que eles saibam e sintam que o pai está lá para eles.”* (Francisco, 40 anos, 3º filho/a). Estas afirmações são convergentes com alguns estudos qualitativos desenvolvidos em Portugal que têm vindo a revelar a emergência de modelos de masculinidade ancorados numa paternidade presente, disponível na vida dos/as filhos/as, afetiva e cuidadora, tornando os cuidados aos/as filhos/as uma área de maior partilha conjugal como afirma Wall (2016). A MenCare (2015) salienta que o envolvimento do pai nas ações de cuidado é um dos recursos mais importantes e, no entanto, mais mal aproveitados na promoção da saúde e do desenvolvimento das crianças e dos adolescentes. Os participantes referem que ser pai é partilhar as tarefas - quer domésticas quer no cuidado do seu/sua filho/a - com a mãe do seu filho/a, considerando também que é muito importante para o bem-estar da tríade pai-mãe-filho/a. Alguns participantes referem que esta partilha é uma prática no seu quotidiano. Salientamos as seguintes afirmações: *“... cuidar dos nossos filhos, de uma forma partilhada com a mãe”* (Francisco, 40 anos, 3º filho/a). Segundo Petito et al. (2015) a relevância do envolvimento do pai pode trazer benefícios não só com o desenvolvimento das atividades diárias, vínculo com a mulher e família, mas também no desenvolvimento psicológico da criança. Este envolvimento do homem nos cuidados após o nascimento promove ainda o desenvolvimento do vínculo com o/a seu/sua filho/a e a prática da paternidade cuidadora.

Integrada na *paternidade*, foram identificados os sentimentos dos participantes que estão associados ao exercício da paternidade. Da análise emergiram três sub-categorias: alegria/ felicidade, satisfação e o medo (figura 3).

A alegria e felicidade foram os sentimentos maioritariamente manifestados pelos participantes quando souberam que iriam ser pais. Bernardo e Guilherme referiram, respetivamente: *“... foi uma alegria enorme...”* (Bernardo, 34 anos, 1º filho/a); *“... fiquei muito feliz. O sentimento foi de alegria...”* (Guilherme, 28 anos, 2º filho/a). A MenCare (2015) defende que ao promover o envolvimento paterno, criam-se as condições ideais para que os homens fortaleçam ligações de forma profunda e significativa, manifestadas por bem-estar e felicidade, e abre-se caminho para que homens, mulheres e crianças, atinjam o seu potencial máximo. Os participantes no estudo também referiram sentimentos de satisfação pessoal e social quando souberam que iam ser pais, pois para alguns foi a concretização de um sonho. Disso são exemplo as seguintes afirmações: *“...satisfação, tranquilidade...”* (Carlos, 35 anos, 2º filho/a); *“Sempre foi um sonho que tive uma experiência fantástica, muito bom...”* (Bernardo, 34 anos, 1º filho/a). De acordo com Freitas, Coelho e Silva (2007) a notícia da gravidez pode originar sentimentos de satisfação e alegria quer no homem quer na mulher. A World Health Organization (2007) defende que o envolvimento do homem desde o início da gestação é crucial para a preparação do exercício da paternidade bem como para a relação conjugal saudável, contribuindo desta forma para a satisfação pessoal e social do homem que vai ser pai. Por outro lado, os homens manifestaram também medo e/ou receio de falhar, de não ser capaz. Edgar (41 anos, 1º filho/a) refere: *“... essencialmente um sentimento de medo e receio [...] sempre tivemos medo que alguma coisa não corresse bem.*



Figura 3 – Representação esquemática da categoria Sentimentos



Figura 4 – Representação esquemática da categoria Importância atribuída ao papel do pai

[...]. Foi sempre esse medo da gravidez não chegar ao fim...”.

Segundo Zampieri, Guesser, Buendgens, Junckes e Rodrigues (2015), com a confirmação da gravidez, o homem pode perceber sentimentos ambivalentes e contraditórios, o que corrobora os sentimentos expressos. A partir das heranças familiares, como os medos e/ou fantasias, surgem constrangimentos e dificuldades na hora de se estabelecer um vínculo afetivo com os/as próprios filhos/as. Principalmente quando estes constrangimentos são desencadeados pelas novas mudanças culturais, onde as exigências sociais são maiores, nomeadamente, em relação às atividades desempenhadas pelos homens e o cuidado com os/as filhos/as. Assim, pode despertar no pai um maior desejo em se envolver durante a gravidez e na primeira infância, ao mesmo tempo em que possui a função de dar apoio e estrutura à diade mãe e bebê (Castoldi et al., 2014). Foi ainda referido tristeza e desilusão, considerados como potenciadores do stress e de ansiedade já sentidas. Disto são exemplo as seguintes afirmações: “... Ser pai, vai agravar, veio agudizar tudo o que eu já tinha antes, stress, ansiedades ...” (Abel, 36 anos, 1º filho/a). Estes sentimentos estão de acordo com os estudos encontrados pois a literatura refere que a paternidade pode gerar sentimentos diferentes - podendo ir da felicidade ao descontentamento, da proximidade ao distanciamento (Cúnico & Arpini, 2013), e os diferentes tipos de sentimentos podem ser percebidos pelos homens como experiências únicas, indescritíveis e emocionantes, que reúnem sentimentos ambivalentes como medo, ansiedade, angústia, alegria, felicidade e amor (Petito et al., 2015). Relativamente à importância atribuída ao papel do pai a análise dos dados permitiu-nos identificar três sub-categorias: poder escolher, ser ouvido e participar ativamente (figura 4).

Os participantes neste estudo atribuem grande

importância a poder escolher / tomar decisões sobre os cuidados prestados durante a gravidez, parto ou pós-parto. Disso é exemplo: “... eu acho muito importante [...] a possibilidade de poder escolher [...] decidir sobre os cuidados de saúde prestados...” (David, 35 anos, 1º filho/a). A MenCare (2015) defende que devem ser desenvolvidas estratégias promotoras de uma paternidade cuidadora, nos serviços de saúde, mesmo que implique a revisão de concepções de género, família, paternidade e maternidade tradicionais. Os mesmos autores acrescentam que é fundamental apoiar o pai que quer estar presente na vida dos/as filhos/as, contribuindo assim para que este se sinta valorizado e tenha oportunidades de receber informações, trocar experiências, desenvolver habilidades de cuidado e formar vínculos significativos com os/as filhos/as. Francisco valorizou muito o facto de ser ouvido enquanto pai a exercer a paternidade cuidadora, “...acho muito importante eu ser ouvido, e sentir que se preocupam com a minha opinião...” (Francisco, 40 anos, 3º filho/a). Carvalho, Brito, Araújo, & Souza (2009) defendem que o facto de os homens não serem ouvidos e da atenção estar mais direcionada para a mãe e criança, ficando o pai como uma figura que se destaca pouco, justificadas em alguns casos com questões relacionadas com estereótipos de género (por exemplo, a concepção de que as mulheres têm maior facilidade no cuidado com a/o filha/o), compromete o envolvimento paterno. Neste estudo os participantes afirmam e defendem a participação ativa: “... eu acho muito importante [...] ter uma participação ativa na decisão sobre os cuidados de saúde prestados...” (David, 35 anos, 1º filho/a); “... Entre o casal e o profissional é fundamental podermos ter uma participação ativa em todo o processo de cuidados...” (Ivo, 42 anos, 2º filho/a). Estes resultados são convergentes com os apresentados por Ribeiro et al. (2015) que referem, se por um lado encontramos dificuldades inerentes à paternidade cuidadora,

por outro contamos com o interesse e presença crescente dos homens na gravidez, no parto, nas consultas de vigilância infantil e na vacinação das crianças. Dessa forma, os serviços de saúde podem constituir um espaço privilegiado para a formação de um de pai, mais afetivo e participativo. A participação do pai na gravidez, parto e pós-parto é de grande pertinência, onde os/as profissionais de saúde devem contribuir de forma a favorecer o envolvimento do homem, possibilitando assim que este participe e compartilhe a experiência de ser pai, promovendo deste modo o vínculo pai-mãe-filho/a (Ribeiro et al., 2015).

CONCLUSÃO

Na atualidade a participação dos homens nos cuidados aos filhos/as é considerada uma prática promotora da saúde e da igualdade de género. Existe evidência científica que reforça os ganhos em saúde decorrentes da paternidade cuidadora, no desenvolvimento das crianças, na saúde das mulheres, na saúde dos homens, bem como para as famílias e sociedade em geral. No que se refere à *paternidade* verificamos que as *conceções*, de acordo com os participantes, podem ser definidas como a continuidade da espécie humana, assumindo a responsabilidade parental com a mãe do seu/sua filho/a, ser capaz de o/a cuidar, através da satisfação das necessidades físicas e emocionais - de o educar como cidadão/ã, o que requer estar (sempre) presente e disponível física e emocionalmente ao longo da sua vida. Salienta-se ainda a importância atribuída pelos participantes à coresponsabilização no processo de cuidar manifestada pela partilha das tarefas domésticas e pelos cuidados diretos às crianças, situação que alguns participantes referiram (já) ser uma prática no seu quotidiano. Estes resultados são convergentes com o referido na literatura consultada e revelam (algumas) mudanças nos papéis de género e na identidade masculina, salientando-se a inclusão do cuidado às crianças e das responsabilidades familiares como práticas dos homens. Quanto aos *sentimentos* podemos concluir que a maioria dos participantes no estudo sentiram-se felizes e alegres. A satisfação pessoal e social foi também sentida e referenciada pelos pais. Por outro lado, o medo e receio, de falhar e não ser capaz de responder ao novo papel também esteve presente em alguns participantes. Estiveram ainda presentes a tristeza e a desilusão. Estes resultados convergem com a literatura e permitem-nos concluir que a paternidade pode gerar nos homens diferentes sentimentos, necessitando por isso de diferentes cuidados assistenciais para promover o máximo bem-estar, identificar riscos e ou vulnerabili-

dades e prevenir situações de desequilíbrio afetivo e mental. Da *importância* atribuída ao papel do pai salientamos que os homens desejam ser ouvidos e informados sobre todo o processo de gravidez, parto e pós-parto e participar ativamente nas decisões e escolhas no que se refere aos respetivos cuidados de saúde, bem como, participar ativamente em todas as fases, promovendo a saúde e bem-estar da mãe e do filho/a. Estes resultados estão de acordo com a opinião dos autores consultados.

Das conclusões emergiram algumas sugestões/recomendações, nomeadamente ao nível da prática clínica onde os EESMO têm um papel preponderante na promoção e transição para a paternidade cuidadora nomeadamente, o pai [também] deve ser alvo direto de cuidados em todos os contextos de saúde sexual e reprodutiva, não ser considerado (só) acompanhante, ter atenção às suas conceções e sentimentos, empoderar e envolver todos/as para uma parentalidade partilhada. Integrar sessões só com pais nos programas de preparação para o parto e parentalidade. Neste sentido, os serviços de saúde devem desenvolver políticas de incentivo à promoção da paternidade cuidadora (evitar juízos de valor e estereótipos de género sobre o cuidar). Garantir maior destaque à determinante social género na formação dos profissionais de saúde, nomeadamente, o cuidado como prática humana e não (só) feminina; destaque para a partilha de cuidados e consequentes resultados na saúde individual, familiar e da comunidade, homem/pai como alvo de cuidados nos serviços de saúde. Continuar a realizar estudos sobre paternidade cuidadora com adolescentes/jovens, com homens/pais e mulheres/mães, com profissionais de saúde. Incentivar o desenvolvimento de políticas promotoras da paternidade cuidadora facilitando e incentivando a participação dos homens nos cuidados às crianças e família.

Quanto às limitações inerentes a esta investigação destaca-se o uso do tempo como principal dificuldade encontrada, dado o limitado período de tempo que tínhamos para a colheita de dados e a pouca disponibilidade dos participantes, pelo facto de se tratar de um período hipotético de férias de verão. Este estudo foi restrito ao contexto das maternidades públicas de Coimbra, o que pode condicionar a generalidade dos resultados obtidos. Portanto, como os percursos de investigação permitem identificar outras questões para as quais ainda não foram encontradas respostas, considera-se de grande pertinência a produção de novas investigações para melhor compreender os pais no exercício da paternidade cuidadora noutros contextos públicos e privados.

BIBLIOGRAFIA

- Balancho, L. S. (2012) *Ser pai hoje - A Paternidade em toda a sua Relevância e Grandeza*. Curitiba: Jurú Editora. ISBN: 978-85-362-3828-9
- Beltrame, G., & Bottoli, C. (2010). Retratos do envolvimento paterno na atualidade. *Barbaroi: Revista do Departamento de Ciências Humanas*, 32, 205-226. doi: 10.17058/barbaroi.v0i0.1380
- Carvalho, J., Brito, R., Araújo, A., & Souza, N. (2009). Sentimentos vivenciados pelo pai diante do nascimento do filho. *Revista da Rede de Enfermagem do Nordeste*, 10(3), 125-131. Recuperado de <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=324027967015>
- Castoldi L., Gonçalves T.R. (2014). Envolvimento paterno da gestação ao primeiro ano de vida do bebê. *Psicologia em estudo*, 19(2), 247-59.
- Cúncio, S.D., Arpini, D.M. (2013). *A Família em mudanças: Desafios para a paternidade contemporânea*. *Revista Pensando fam*, 17(1) 28-40. Recuperado de: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2013000100004
- Martins, A. (2009). Paternidade: Repercussões e desafios para a área de saúde. *Revista Genero*, 10(1), 239-250. Recuperado de <http://www.revistagenero.ufrj.br/index.php/revistagenero/article/view/50/33>
- MenCare. (2015). *A situação da paternidade no mundo: Resumo e recomendações*. Recuperado de https://sowf.men-care.org/wp-content/uploads/sites/4/2015/07/State-of-the-Worlds-Fathers-Executive-Summary-Portuguese_web-1.pdf
- Minayo, M., Deslandes, S., & Gomes, R. (2009). *Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade*. Petropolis, Brasil: Editora Vozes.
- Organização Mundial de Saúde, Escritório Regional para a Europa. (2015). *Orientações estratégicas europeias para o fortalecimento da enfermagem e enfermagem de saúde materna e obstétrica em relação às metas de Saúde 2020*. (M. Ferreira, Trad.). (Obra original publicada em 2015). Recuperado de http://www.ordenenfermeiros.pt/publicacoes/Documents/OMS_Europa_OrientacoesEstrategicasEuropeas_ONLINE.pdf
- Petito, A., Cândido, A., Ribeiro, L., & Petito, G. (2015). A importância da participação do pai no ciclo gravídico puerperal: uma revisão bibliográfica. *RE-FACER*, 4(1), 1-14. Recuperado de <http://ceres.facer.edu.br/revista/index.php/refacer/article/view/70/46>
- Pereira D, Alarcão M. (2010). Avaliação da parentalidade no quadro da proteção à infância. *Temas em psicologia*, 18(2):499-517
- Promundo (2019) – *Situação da Paternidade no Mundo 2019*. Recuperado de <https://promundo.org.br/2019/06/05/segundo-relatorio-situacao-da-paternidade-no-mundo-2019>
- Ramos, M. M., & Canavarro, M. C. (2007). Adaptação parental ao nascimento de um filho: Comparação da reatividade emocional e psicossintomatologia entre pais e mães nos primeiros dias após o parto e oito meses após o parto. *Análise Psicológica*, 3(25), 399-413. Recuperado de <http://repositorio.ispa.pt/handle/10400.12/109>
- Ribeiro, J.P., Gomes, G.C., Silva, B.T., Cardoso, L.S., Silva, P.A. & Strefling, I.S.S. (2015). Participação do pai na gestação, parto e puerpério: Reflectindo as interfaces da assistência de enfermagem. *Revista Espaço para a Saúde. Londrina*. 16(3) 73-82. Recuperado de <http://espacoparaasaude.fpp.edu.br/index.php/espacoparaaude/article/download/398/386>
- Silva, E.L.C., Lamy, Z.C., Rocha, L.J.L.F. & Rodrigues, J. (2012). Paternidade em tempos de mudança: uma breve revisão da literatura. *Revista Pesquisa Saúde*, 13(2), 54-59.
- Sousa, V. (2010). *Reprodução humana assistida e família mono-parental*. Paraná. Recuperado de: https://books.google.pt/books?id=GGU-HUz3V8C&pg=PT6&lpg=PT6&dq=paternidade+continuidade+da+especie+humana&source=bl&ots=fEoRAm-32nW&sig=ACFu3U172aXjx5WBAELxezkrMkCx8G9lAg&hl=ptPT&sa=X&ved=2ahUKEwjN5l_F_oPoAhUozlUKHebODtGQ6AEwA&oeq=CAoQAQ&iv=onepage&q=paternidade%20continuidade%20da%20especie%20humana&f=false
- Wall, K. (Coord.). (2016). *Livro branco: Homens e igualdade de género em Portugal*. Recuperado de http://cite.gov.pt/asstscite/images/papelhomens/Livro_Branco_Homens_Igualdade_G.pdf
- World Health Organization (2007). *Fatherhood and Health outcomes in Europe*. Geneva: World Health Organization. Copenhagen: World Health Organization. Recuperado de: http://www.euro.who.int/_data/assets/pdf_file/0017/69011/E91129.pdf
- Zampieri, M., Guesser, J., Buendgens, J., Junckes, J. M., & Rodrigues, I. (2012). O significado de ser pai na ótica de casais grávidos: Limitações e facilidades. *Revista Eletrônica de Enfermagem*, 14(3), 483-493. doi: 10.5216/ree.v14i3.12244

Promoção da paternidade cuidadora: experiências e fatores condicionantes relacionados com os serviços de saúde

Promotion of caregiving paternity: experiences and conditioning factors related to health services

Promoción de la paternidad cuidadora: experiencias y factores condicionantes relacionados con los servicios de salud

Ana Catarina Rodrigues Maduro¹; Maria Neto da Cruz Leitão²; Rosa Maria dos Santos Moreira³

RESUMO

Enquadramento: Tornar-se pai, hoje, é um processo de transformação com novas concepções, sentimentos únicos e ambivalentes. Reconhecem-se os benefícios do exercício de uma paternidade envolvida e cuidadora para a saúde das crianças, mulheres, homens e comuni-

dade, contribuindo para a igualdade de género. Acompanhando, envolvendo e preparando os pais, desde o período pré ao pós-natal, os/as EESMOS têm uma ação essencial na promoção da paternidade cuidadora. Objetivos: conhecer as experiências dos pais nos serviços de saúde face à promoção da paternidade cuidadora; identificar fatores condicionantes do exercício da mesma. Método: Estudo de natureza qualitativa do tipo interpretativo. Participaram dez homens, pais pela primeira vez, cujos filhos nasceram nas maternidades de Coimbra. Dados colhidos através de entrevistas semiestruturadas. Efetuada análise do conteúdo segundo Minayo et al. (2009). Resultados: das experiências dos pais nos serviços de saúde, na globalidade sentiram-se envolvidos, incentivados a estarem presentes e a participar ativamente por parte dos profissionais de saúde, desde o pré ao pós-natal. Embora se sentissem excluídos em determinadas situações, consideram os serviços de saúde importantes para a promoção da paternidade cuidadora.

¹ Enfermeira Especialista de Saúde Materna e Obstétrica a frequentar o mestrado em Enfermagem de Saúde Materna e Obstétrica na Escola Superior de Enfermagem de Coimbra.

² Doutora em Enfermagem. Professora Coordenadora. Escola Superior de Enfermagem de Coimbra.

³ Doutora em Enfermagem. Professora Adjunta. Escola Superior de Enfermagem de Coimbra.